

USO DA LÍNGUA E CRIATIVIDADE

Inês Duarte

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Departamento de Linguística Geral e Românica
aij@mail.telepac.pt

Quando consideramos a linguagem humana como objecto de estudo, abrimos uma janela sobre um dos aspectos mais fascinantes do mundo natural, sobre uma característica definidora por excelência da espécie humana. Ou, pedindo emprestada a Marina Yaguello uma metáfora inspirada, entramos, como a Alice de Carroll, noutra País das Maravilhas, o País da Linguagem.

O que vos proponho hoje aqui é uma viagem guiada a esse país, centrada no tema Uso da Língua e Criatividade. Planeei-a como uma viagem de descoberta, de contacto com uma forma nova de detectar relações entre paisagens, influências e produtos.

O objectivo desta viagem é duplo: pretendo mostrar que, quando falamos de criatividade (linguística), estamos a referir-nos a um conceito que não é sinónimo de imaginação ou originalidade, antes designa uma propriedade do uso da língua ancorada no desenho da linguagem humana; pretendo igualmente que seja directamente inferível deste passeio pelo País da Linguagem que a compreensão e a exploração didáctica da criatividade linguística supõe uma sólida formação linguística dos professores de língua portuguesa.

1. Ubiquidade da linguagem humana, complexidade estrutural e semelhança de processos gramaticais, uniformidade, espontaneidade e rapidez do processo de aquisição da linguagem

Como refere Pinker (1994), por volta de 1920, pensava-se que todas as regiões do nosso planeta eram conhecidas e exploradas. Constituiu, por isso, uma surpresa para o prospector australiano Michael Leahy a descoberta, em 26 de Maio de 1930, de um povo desconhecido, que vivia num planalto entre duas cordilheiras da Nova Guiné. Como Leahy relata, este povo falava uma língua que estudos posteriores revelaram ser uma das oitocentas faladas pelas

várias comunidades dispersas pelos vales dessa região. O resultado desses estudos demonstrou igualmente que, embora tais povos vivessem em condições assemelháveis às da Idade da Pedra, as suas línguas constituíam sistemas complexos, que permitiam exprimir conceitos abstractos, referir entidades invisíveis e explicitar raciocínios. Por outras palavras, povos da Idade da Pedra não têm línguas da Idade da Pedra, ou, como afirmava o linguista americano Edward Sapir, «No que diz respeito à forma linguística, Platão anda a par com o guardador de porcos macedónio, e Confúcio com o selvagem caçador de cabeças de Assam».

Este episódio serve para ilustrar a ubiquidade ou universalidade da linguagem humana: não foram nunca encontradas comunidades humanas que não dispusessem de uma língua natural para comunicarem; paralelamente, nunca se encontraram línguas naturais que não fossem sistemas complexos de relação entre som e significado com uma arquitectura singularmente semelhante.

Detenhamo-nos um pouco sobre este último ponto. Sob a enorme diversidade das línguas do mundo, encontra-se uma semelhança de arquitectura ou engenharia que o acaso não pode explicar. Consideremos dois tipos de construções utilizadas pelos falantes de Português:

(1a) O gato saiu.

(1b) O cão fez sair o gato.

Enquanto a frase (1a) descreve uma situação dinâmica em que não é indicada nenhuma entidade responsável pela «saída do gato», a frase (1b), através da formação do predicado complexo *fez sair*, descreve uma situação dinâmica, em que é indicada uma entidade responsável pela saída do felino, o *cão*. No linguajar técnico dos linguistas, (1a) exemplifica uma construção não causativa, enquanto (1b) exemplifica uma construção causativa.

Se considerarmos uma língua tipologicamente muito diferente do Português, o Tsonga, uma língua bantu falada no sul de Moçambique, as frases paralelas a (1) são as indicadas em (2):

(2a) Xipixi xihumile.

(2b) Mbyana yihumesile xipixi.

A comparação entre (1) e (2) mostra que ambas as línguas dispõem de um processo para formar construções causativas a partir de construções não causativas. Enquanto o Português usa um processo sintáctico para o conseguir (a introdução de uma forma do verbo *fazer*, que funciona aqui como uma espécie de auxiliar causativo), o Tsonga, como as restantes línguas bantu, usam um processo morfológico: a introdução de um morfema a que os bantuistas chamam extensão verbal (neste caso, o morfema *-is-* que, por razões morfofono-

lógicas, ocorre aqui mascarado como *-es-*), cujo efeito é tornar causativo um verbo que inicialmente o não era.

Podem multiplicar-se exemplos deste tipo, que conduzem sempre à mesma conclusão: quando se compara a estrutura de línguas naturais, encontra-se idêntica complexidade estrutural e semelhança de processos gramaticais.

Um dos argumentos mais fortes a favor da universalidade e do carácter inato da linguagem humana, é o facto de, em cada geração, sem ensino formal, por mera exposição à língua da comunidade a que pertencem, as crianças reinventarem essa língua através de um processo espantosamente rápido e que a investigação tem demonstrado ser uniforme e imune a diferenças de raça, sexo, estatuto social, condições económicas e contexto cultural.

De um modo geral, por volta de um ano de idade, as crianças produzem palavras isoladas que designam as pessoas da família e objectos simples (*mamã, pato, ...*) e fórmulas feitas de saudação (*olá*). Durante o segundo ano de vida, dá-se um notável crescimento do vocabulário, e começam a surgir as primeiras frases, formadas por duas ou três palavras. Aparentemente rudimentares, estas primeiras frases revelam já um conhecimento sofisticado da estrutura sintáctica da língua: uma frase resulta da combinação de uma expressão nominal com um predicado verbal (*mamã dá pato*), o sujeito e o objecto directo distinguem-se pela posição que ocupam relativamente ao verbo. Entre os dois e os cinco anos, todo o repertório de sons da língua está adquirido, o vocabulário aumenta com uma rapidez que fez alguns autores chamarem às crianças nesta fase «aspiradores lexicais», a morfologia flexional (nas línguas que dela dispõem) está adquirida no essencial e as crianças constroem uma gama impressionante de construções sintácticas complexas [cf. por exemplo, Gleitman & Newport (1995)].

A duração do processo de aquisição da linguagem e as etapas aqui muito sumariamente referidas têm-se revelado idênticas para as centenas de línguas estudadas até aqui.

2. A engenharia que suporta o uso da língua

Que tipo de «engenharia» suporta então o conhecimento intuitivo que os falantes têm da sua língua e explica a rapidez e uniformidade com que a adquirem espontaneamente e a usam como locutores, interlocutores e ouvintes?

Uma primeira resposta a esta questão consistiu na descoberta de que a linguagem humana é dos poucos sistemas do mundo natural que se pode caracterizar como um sistema combinatório discreto – *i.e.*, a sua gramática dispõe de um conjunto finito de elementos distintos que se combinam para formar unidades mais vastas, cujas propriedades são diferentes das dos elementos que

as constituem. Exemplificando, a palavra *mar* tem propriedades que não se encontram nos segmentos [m], [a], [r] que se combinam para a formar: nomeadamente, enquanto à primeira é possível atribuir uma categoria sintáctica e um significado, aos últimos não é.

Outra característica dos sistemas combinatórios discretos, igualmente presente na linguagem humana, é a recursividade. Nos sistemas com esta propriedade, é possível formar um número ilimitado de expressões, pelo uso reiterado das regras de combinação do número finito de elementos que as constituem. Já no século XIX o filósofo alemão Georg von Humboldt se tinha apercebido de que as línguas naturais *fazem um uso infinito de meios finitos*. Este uso infinito de meios finitos é paradigmático em lengalengas infantis, em que a reiteração do mesmo processo de combinação de palavras permite a continuação (teoricamente *ad infinitum*) da lengalenga, como se pode observar no seguinte excerto de *O Castelo de Chuchurumel*:

1

Aqui está a chave
Que abre a porta
Do castelo
De Chuchurumel

2

Aqui está o cordel
Que prende a chave
Que abre a porta
Do castelo
De Chuchurumel

3

Aqui está o sebo
Que unta o cordel
Que prende a chave
Que abre a porta
Do castelo
De Chuchurumel

4

Aqui está o rato
Que roeu o sebo
Que unta o cordel
Que prende a chave
Que abre a porta
Do castelo
De Chuchurumel

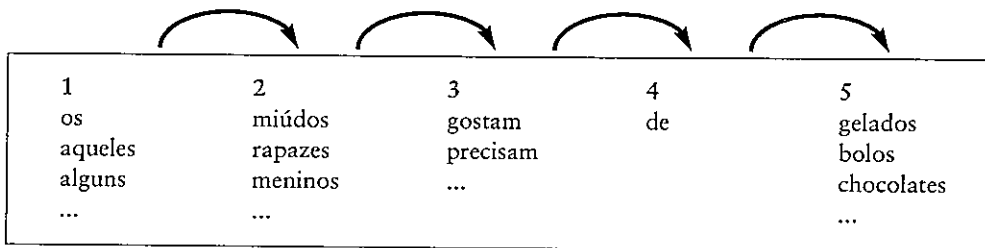
No caso acima exemplificado, a reiteração do processo de formação de orações relativas permite a construção de frases cada vez mais longas. Uma consequência evidente deste uso infinito de meios finitos é a de que é impossível estabelecer qual a frase mais comprida possível de uma língua, pois existe sempre a possibilidade de a tornar ainda mais comprida.

Mas a engenharia que suporta a linguagem humana tem outra propriedade inesperada para o falante comum: as combinações de elementos que formam unidades mais vastas não são meras sequências lineares. Ilustremos esta afir-

mação com um exemplo simples. Dada a frase *Os miúdos gostam de gelados*, um falante comum convidado a pensar sobre o modo como ela é formada terá provavelmente a tentação de dizer que se escolhe a palavra *os*, junta-se à direita desta a palavra *miúdos*, junta-se à direita desta a palavra *gostam*, e assim sucessivamente.

Esta versão ingénua corresponde a um modelo de estados finitos, que se pode explicar simplificadamente imaginando um mecanismo constituído por listas de palavras e por transições entre as listas, como se vê na Figura 1:

Fig. 1 – Modelo de estados finitos



No exemplo em questão, o mecanismo escolheria *os*, na lista 1; transitaria para a lista 2, onde escolheria *miúdos*; transitaria para a lista 3, onde escolheria *gostam*; transitaria para a lista 4, onde escolheria *de* e, finalmente, transitaria para a lista 5, onde escolheria *gelados*.

Por muito plausível que esta concepção do processo de combinação de elementos linguísticos para formar unidades mais vastas possa parecer, o facto é que existem argumentos que mostram que ela não é nem correcta nem realista. Retenha-se que um mecanismo como o descrito na Figura 1, dificilmente volta atrás e não guarda na memória elementos das transições por que já passou à espera de que eles venham a ser necessários mais adiante.

Ora, em primeiro lugar, *voltar atrás e ser capaz de estabelecer nexos entre elementos não contíguos na cadeia falada* são propriedades que caracterizam a engenharia que suporta a linguagem humana, são operações a que recorremos continuamente quando produzimos e interpretamos expressões linguísticas, como o mostram os exemplos apresentados em (3):

(3a) *Não só* o João leu o artigo *como* o comentou brilhantemente.

(3b) *O que* achas que a Maria vai oferecer ao Pedro?

A compreensão de (3a) implica que sejamos capazes de associar as conjunções coordenativas correlativas *não só* e *como*, que ocorrem separadas por várias palavras. Do mesmo modo, a compreensão de (3b) supõe a nossa capa-

cidade de associarmos o pronome interrogativo *o que*, em posição inicial da oração subordinante, com a posição da oração subordinada em que ocorreria habitualmente o complemento directo do verbo *oferecer*.

Em segundo lugar, um modelo como o descrito na Figura 1 não consegue descrever a razão pela qual certas expressões são ambíguas, *i.e.*, têm mais do que uma interpretação, apesar de não conterem palavras polissémicas ou homónimas, como é o caso das frases presentes em (4):

(4a) Ele trouxe o livro da biblioteca.

(4b) O acidente foi atribuído à explosão de uma botija de gás por um polícia.

(4c) O juiz condenou o réu a morrer enforcado pela segunda vez.

Ora qualquer falante do Português atribui a estas frases duas interpretações diferentes, parafraseáveis por:

(5a) Ele trouxe o livro da biblioteca.

Int. A: Foi o livro da biblioteca (e não outro livro qualquer) que ele trouxe.

Int. B: Foi o livro que ele trouxe da biblioteca (e não outra coisa qualquer).

(5b) O acidente foi atribuído à explosão de uma botija de gás por um polícia.

Int. A: O acidente foi atribuído por um polícia à explosão de uma botija de gás.

Int. B: O acidente foi atribuído à explosão de uma botija de gás provocada por um polícia.

(5c) O juiz condenou o réu a morrer enforcado pela segunda vez.

Int. A: O juiz condenou pela segunda vez o réu a morrer enforcado.

Int. B: O juiz condenou o réu a morrer pela segunda vez enforcado.

A ambiguidade destas frases deve-se exclusivamente a razões estruturais, ou seja, ao modo como se combinaram as palavras para as formar. Exemplificando com (4a), a primeira interpretação corresponde ao processo de construção em que *da biblioteca* se combina directamente com *o livro*, para formar a unidade *o livro da biblioteca*, com a relação gramatical de complemento directo, enquanto a segunda interpretação corresponde ao processo de combinação em que *o livro* e *da biblioteca* permanecem como duas unidades distintas, com duas relações gramaticais diferentes.

Assim, estes três tipos de factos levam-nos a concluir que o processo de combinação de elementos usado pela gramática não é meramente linear, da esquerda para a direita, antes envolve uma noção de estrutura hierárquica.

Outra das características da engenharia que suporta a linguagem humana é o uso de «mnemónicas». As mnemónicas em questão são categorias, que servem para classificar os elementos de cada língua e que são simultaneamente usadas na formulação dos padrões de combinação de segmentos, morfemas e palavras: os elementos são classificados em certas categorias, em função das suas propriedades, e os padrões de combinação, extremamente simples e económicos, são definidos através de tais categorias. Assim, por exemplo, através

das categorias vogal, semivogal e consoante, classificam-se todos os sons que cada língua usa para formar sílabas, morfemas e palavras e definem-se os respectivos padrões de combinação.

Sistema combinatório discreto, recursividade, estrutura hierárquica e uso de mnemónicas categoriais são as propriedades mais significativas da engenharia que suporta a linguagem humana. Estas propriedades constituem uma das chaves mais importantes para a compreensão do «mistério» da rápida e uniforme aquisição da linguagem pelas crianças, do processo de desenvolvimento que desemboca no conhecimento da língua do falante adulto e do uso criativo que todos fazemos desse conhecimento.

3. Aspecto criativo do uso da língua

Contrariamente a muitas das espécies que povoam a ficção científica, a espécie humana não é constituída por telepatas. Contudo, quase três milhões de anos de evolução genética dotaram-na de uma faculdade que permite que cada ser humano torne presente a outros seres humanos o que pensa, o que sente, o que quer.

Como já referido, o processo de aquisição da linguagem desemboca no conhecimento intuitivo da língua que qualquer falante tem, e que mobiliza quando usa a língua em diferentes situações e com diferentes objectivos. Ora séculos antes de a Biologia, a Neurologia, a Genética e a Linguística se constituírem como ciências, já Descartes considerava que a diferença essencial entre o homem e o animal reside na linguagem humana, como se pode observar no seguinte excerto do *Discours de la Méthode*¹:

[embora se possa] conceber uma máquina de tal modo feita que profira palavras, algumas das quais mesmo a propósito das acções corporais que causam qualquer mudança nos seus órgãos: como por exemplo, perguntar o que é que se lhe quer dizer, se a tocarem em qualquer órgão, ou gritar que se magoou se a tocarem noutra, e outras coisas semelhantes – não se concebe porém que *combine essas palavras de maneiras diversas para responder com oportunidade a tudo que se disser na sua presença, como podem fazer os homens mais embrutecidos.*

Descartes considerava igualmente que esta faculdade é *específica do homem e independente da inteligência*:

Porque é uma coisa digna de nota o não haver homens, tão embrutecidos e tão estúpidos, sem exceptuar mesmo os loucos, que não sejam capazes de *combinar*

¹ Nesta e nas duas citações seguintes, utilizei a tradução portuguesa referida na bibliografia; na referida edição, os excertos citados encontram-se, respectivamente, nas páginas 67-8, 68 e 68-9. Os itálicos são meus.

várias palavras e de compor com elas um discurso que lhes sirva para exprimir os seus pensamentos; o que não acontece com nenhum outro animal, por muito perfeito ou bem gerado que tenha sido.

Numa obra de 1966, Chomsky fazia o seguinte comentário ao pensamento cartesiano sobre a linguagem exposto nos excertos transcritos:

o ser humano possui uma *faculdade característica da espécie*, um tipo de organização intelectual única que não pode ser atribuída a órgãos periféricos [sistema articulatório e sistema auditivo, por exemplo], nem associada à inteligência geral, e que se manifesta naquilo que poderíamos chamar «*o aspecto criativo do uso comum da língua*»; é específico desta faculdade *abrir possibilidades sem limites e não depender de nenhum estímulo*. Por isso Descartes defende que dispomos da língua para exprimir livremente o pensamento, ou para responder adequadamente a qualquer contexto novo².

Neste passo vemos nascer, como interpretação do texto cartesiano, a noção de **aspecto criativo do uso da língua**, específico da espécie humana e caracterizado como **ilimitado** (*i.e.*, ao usarmos a língua somos capazes de produzir e compreender enunciados novos), **independente do controlo de estímulos e adequado à situação**.

Sempre que usar o termo ‘criatividade’ nesta intervenção fá-lo-ei no sentido técnico acima precisado, *i.e.*, como uma propriedade do uso da língua que envolve três aspectos: carácter ilimitado (que alguns autores denominam ‘produtividade’), independência do controlo de estímulos e adequação à situação.

Percorramos então alguns dos muitos meandros da criatividade linguística.

4. Carácter ilimitado do uso da língua

A produtividade ou carácter ilimitado é uma propriedade central da criatividade linguística. Estende-se a todas as áreas gramaticais, como será exemplificado adiante, e está na base da possibilidade, partilhada por todas as línguas, de nomear objectos e conceitos novos e de descrever situações reais ou imaginárias nunca antes vividas ou imaginadas.

Em (6) e (7) dão-se exemplos de criatividade sintáctica:

(6a) Já leste o livro que a Maria te *ofereceu*?

(6b) Já leste o livro que o João me disse [que a Maria te *ofereceu*]?

(6c) Já leste o livro que o João me disse [que lhe parecia [que a Maria te *ofereceu*]]?

(7a) [[O João foi ao cinema] [e a Maria foi ao teatro]].

(7b) [[[O João foi ao cinema] [e a Maria foi ao teatro]], [mas o Pedro ficou em casa]].

² Os itálicos são meus.

Em (6), o processo de formação de relativas é aplicado em estruturas progressivamente mais complexas, de um modo que os linguistas denominam sucessivamente cíclico, de tal forma que, em (6c), o pronome relativo se encontra afastado do verbo de que depende por duas fronteiras oracionais. Os exemplos (7) mostram que a aplicação reiterada do processo sintáctico de coordenação pode dar origem a enunciados coordenados binários, como em (7a), e múltiplos, como em (7b), sendo estes últimos analisáveis como estruturas binárias em que o primeiro membro coordenado contém ele próprio uma estrutura de coordenação.

Em (8), apresentam-se exemplos que ilustram a capacidade que os falantes têm de produzir e compreender frases com palavras inventadas, desde que estas estejam integradas nos modelos de flexão e derivação e nos padrões de ordem de palavras característicos da língua.

(8a) A Estrumpfina estrumpfcovou os estrumpfelos estrumpfdosos.

(8b) Se um plic incomoda muita gente, dois plics incomodam muito mais.

Assim, em (8a), a posição em que ocorre cada palavra, os sufixos flexionais *-ou* e *-s* e o sufixo derivacional *-oso* levam-nos a reconhecer *Estrumpfina* e *estrumpfelos* como nomes, *estrumpfcovou* como verbo e *estrumpfdosos* como adjectivo, o que nos permite interpretar este enunciado em «Estrumpfuguês», por analogia com itens do Português, como a «tradução» de *A Estrumpfina escovou os cabelos sedosos*. Em (8b), a posição em que ocorre a palavra inventada *plic* e a alternância *plic/plics* levam os falantes a reconhecê-las como nomes, podendo a partir daí e da interpretação do predicado atribuir-lhe o significado 'pessoa ou objecto que causa incómodo ou desagrado'.

A criatividade manifesta-se igualmente no âmbito dos processos regulares de formação de palavras, envolvam eles derivação ou composição, e da reanálise de sintagmas como compostos sintagmáticos. Assim, a comunidade linguística portuguesa pode formar, em função de novas realidades sociais e tecnológicas, produtos regulares da morfologia derivacional como os ilustrados em (9a), compostos como os exemplificados em (9b) e compostos sintagmáticos como os presentes em (9c):

(9a) *digitalizar, faxar, teclar, ambientalista, clonagem, relexificação, ...*

(9b) *asa-delta, bebê-proveta, fax-modem, tv-cabo, videoporteiro, ...*

(9c) *arranha-céus, limpa-vidros, porta-cassetes, sem-terra, tira-nódoas, todo-o-terreno, ...*

É a criatividade lexical que está em jogo quando, por extensão semântica, alargamos o significado de uma palavra já existente, passando a poder aplicá-la a novos objectos ou propriedades, sem o esforço de construir para esse efeito uma palavra nova. Muitos dos itens lexicais que usamos quotidianamente sofreram este processo, como é visível nos seguintes exemplos:

(10a)	navegar	«viajar por mar»
	↓	
	navegar	«acceder a informação contida em servidores ligados a uma rede»
(10b)	tia	«forma de tratamento dada pelas crianças e jovens às amigas dos pais em extractos da média e alta burguesia»
	↓	
	tia	«mulher que segue padrões de comportamento identificáveis com novo-riquismo ou procura de <i>status</i> social»
(10c)	banco	«instituição onde se depositam divisas»
	↓	
	banco	«edifício onde funciona essa instituição»

A extensão semântica utiliza em geral uma de três operações: a **metáfora**, como em (10a), a **metonímia**, como em (10b), e a **sinédoque**, como em (10c).

A formação de palavras por extensão semântica dá origem a um notável enriquecimento lexical. Para dar apenas um exemplo, muito dos verbos psicológicos que utilizamos são construídos por extensão semântica sobre verbos que designavam inicialmente actividades físicas:

- (11) Verbos da área da digestão: *digerir, engolir, mastigar, vomitar, ...*
 ↓
 (a) Ainda não *digeri* essa notícia.
 (b) Ele *engoliu* a mentira que lhe contámos.
 (c) Ele *mastiga* as mesmas ideias constantemente.
 (d) *Vomita* lá a novidade!
- (12) Verbos causativos de mudança de estado: *abrir, cozinhar, destruir, liquidar, ...*
 ↓
 (a) O presidente *abriu* o debate.
 (b) Lá conseguimos *cozinhar* uma proposta consensual.
 (c) Não *destruas* o compromisso a que tínhamos chegado.
 (d) Ele *liquidou* qualquer hipótese de acordo.
- (13) Verbos não causativos de mudança de estado: *cair, florescer, nascer, sucumbir, ...*
 ↓
 (a) O entusiasmo *caiu* depois da meia-noite.
 (b) *Florescem* no concelho interessantes projectos de animação cultural.
 (c) Da discussão *nasceu* a ideia de um novo centro de investigação.
 (d) A iniciativa *sucumbiu* por falta de interesse dos associados.

5. Criatividade e independência do controlo de estímulos

Um dos aspectos mais interessantes do uso da língua é o facto de ele ser independente do controlo de estímulos.

De facto, um mesmo estímulo interno ou externo pode, num mesmo falante, originar ou não a produção de enunciados, em função de uma multi-

plicidade de variáveis que condicionam a sua tomada de decisão de assumir ou não o papel de locutor. E mesmo quando decide fazê-lo, a forma que o enunciado assume varia de novo em função de um grande número de factores.

Exemplificando, sentir fome não leva necessariamente a comunidade linguística que tem o Português como língua materna a comunicá-la verbalmente, nem cada membro dessa comunidade a fazê-lo. E numa situação em que decidamos fazê-lo (por exemplo, quando a hora habitual do jantar passou e não há indícios de que a refeição esteja prestes a ser servida), o enunciado produzido pode, como consequência da arquitectura que suporta a linguagem humana, assumir numerosas formas de entre as quais, por exemplo, as ilustradas em (14):

- (14a) Então hoje não se janta cá em casa?
- (14b) Estou cá com uma fome!
- (14c) Querem que ponha a mesa?
- (14d) Precisas de ajuda para o jantar?
- (14e) Estou a ver que tenho de ir ao restaurante...
- (14f) Já viste que horas são? É melhor irmos tratar do jantar, não?

Esta característica aparentemente trivial do uso da língua distingue a linguagem humana da maioria dos sistemas de comunicação animal. Ela está na base da utilização deslocada da língua (*i.e.*, uso da língua para descrever situações passadas próximas ou remotas, para formular hipóteses ou conjecturas, etc.), e de usos transpostos (como os que caracterizam a descrição de situações imaginárias ou a criação fictiva) e mostra que o comportamento linguístico humano é essencialmente um comportamento intencional, que envolve tomadas de decisão dos falantes baseadas numa análise mais ou menos elaborada das situações.

6. Criatividade e adequação à situação

A criatividade linguística dos falantes manifesta-se também na forma que dão aos seus enunciados em função da análise da situação em que os estão a produzir. Processos de atenuar a força ilocutória de um enunciado e eufemismos são tipicamente usados em situações caracterizadas por algum grau de formalidade e distância entre os participantes.

Assim, esperamos que a anfitriã de um jantar de cerimónia, ao indicar a uma convidada que conhece mal o lugar onde esta se deve sentar, produza um enunciado como (15a) e não um enunciado como (15b):

- (15a) Quer fazer o favor de se sentar aqui?
- (15b) Senta-te aqui!

O mesmo Princípio de Delicadeza envolvido na produção do enunciado (15a) leva-nos a reduzir a dureza de apreciações negativas, evitando palavras ou expressões que podem chocar o nosso interlocutor e substituindo-as por eufemismos, como acontece em (16):

- (16) A interlocutora de A, muito triste, acaba de afirmar que engordou cinco quilos. A comenta:
- (a) Não te preocupes, até te fica bem estares mais cheiinha.
 - (b) Pois é. Estás uma gorda!

Do mesmo modo, quando um professor exprime a sua apreciação do trabalho de um mestrando através do enunciado (17a), fá-lo por razões de cortesia, embora neste contexto seja claro para o interlocutor que o enunciado tem a mesma interpretação do enunciado (17b):

- (17a) Vê-se que se empenhou muito na elaboração do trabalho, apresenta algumas ideias interessantes, mas o desenvolvimento e a articulação entre elas ainda são algo incipientes.
 (17b) O seu trabalho não atingiu o nível que se exigia.

De uma maneira mais geral, é igualmente a criatividade linguística que está em jogo ao seleccionarmos um dado registo ou estilo em função da situação e da nossa relação com os restantes participantes na interacção, e ao escolhermos o vocabulário que melhor se adequa ao assunto da interacção verbal.

7. Criatividade lexical «congelada» vs produção de novos efeitos de sentido

Os exemplos de extensão semântica apresentados em (10)-(13) não provocam em nós nenhuma reacção especial, e processamo-los com o mesmo automatismo com que processamos os enunciados em que as referidas palavras ocorrem com o seu significado inicial. Por outras palavras, já não temos consciência das metáforas, metonímias ou sinédoques que estiveram na base do seu alargamento de significado, razão pela qual podemos afirmar, metaforicamente, que nestes casos tais operações semânticas ficaram «congeladas».

«Congeladas» ficaram também as operações semânticas em jogo na formação de expressões fixas e de compostos como os exemplificados em (18):

- (18a) *árvore genealógica, bota de elástico, cordas vocais, folha de papel, ...*
 (18b) *andar na Lua, descobrir a pólvora, matar o tempo, pintar a manta, ...*
 (18c) *azul-bebé, cowe-flor, pé-de-meia, verde-garrafa, ...*

Pelo contrário, se numa aula de Fonética e perante uma audiência parcialmente adormecida, o professor falar de *cordéis vocais*, muitos dos ouvintes acordarão e, no mínimo, esboçarão um sorriso.

A capacidade de produzir novos efeitos de sentido, através da aplicação de operações semânticas como as acima mencionadas é, como sabemos, particularmente explorada nos textos literários. Mas qualquer falante que retire prazer do uso da língua produz, aqui e além, «pérolas» que obrigam o seu interlocutor a mudar do modo de piloto automático que normalmente utilizamos quando nos encontramos a desempenhar os papéis de destinatário ou ouvinte para o modo de piloto manual que utilizamos quando ouvimos ou lemos textos literários.

Esta capacidade de produzir novos efeitos de sentido pode também resultar da exploração de propriedades semânticas que ainda não mencionei. Vejamos alguns exemplos.

Todos conhecemos a expressão *verdade de Monsieur de La Palice*. Jacques II de Chabannes, senhor de La Palice (1470-1525), foi marechal de França, tendo combatido nas guerras de Itália no reinado de Luís XII e de Francisco I. Quando morreu, os soldados escreveram uma canção em sua honra, a *Chanson de M. de La Palice*, que é um exercício de explicitação dos postulados de significação associados a determinados itens lexicais ou de inferências decorrentes de tais postulados, o que produz, inevitavelmente, um efeito de humor:

- | | |
|--|---|
| (19) v.1 Casou-se, segundo consta,
Com uma senhora virtuosa;
<i>Se tivesse continuado solteiro,</i>
<i>Não teria tido esposa.</i> | v. 5 Por ela foi sempre amado,
Ela não era ciumenta;
<i>Assim que ele se tornou seu marido</i>
<i>Ela passou a ser sua esposa.</i> |
|--|---|

No verso 4, explicita-se uma informação implícita no conhecimento do item *solteiro*: se (x) é solteiro, então (x) não é casado; a partir deste postulado inferimos que se (x = homem) não é casado, então (x) não tem esposa. Assim, este verso não acrescenta nenhuma informação aos conhecimentos do ouvinte/leitor. O mesmo acontece com o verso 8: se, como se afirma no verso 7, (x) é marido de (y), então (y) é mulher de (x); como *mulher e esposa* neste contexto são sinónimos, este verso não altera o estado de conhecimentos dos ouvintes/leitores. Ou seja, La Palice, marechal de França, ficou recordado não pelos seus feitos militares mas pela canção ingénua que lhe dedicaram os soldados sob o seu comando, fascinados amadores das coisas do significado...

Também a exploração da contradição lógica e do desrespeito pelas propriedades contextuais dos itens lexicais pode provocar novos efeitos de sentido, como o ilustram os exemplos apresentados em (20):

- (20a) Não acredito em bruxas, mas que as há, há.
- (20b) «Site» – Um sítio que não existe mas aonde toda a gente vai.
- (20c) Afinal o João já se curou da sua doença incurável...
- (20d) Ideias verdes incolores dormem furiosamente.

Em (20a), a tradução de um provérbio espanhol, o efeito de sentido é conseqüido pela violação da pressuposição de existência associada à expressão sincera de uma crença: de facto, se um locutor afirma que não acredita numa coisa, o seu interlocutor pode legitimamente inferir que ele pressupõe que essa coisa não existe, pelo que afirmar a crença de que as bruxas não existem e asserir a sua existência é contraditório. O exemplo (20b) é do mesmo tipo: se um sítio não existe, não se compreende como toda a gente lá pode ir. O exemplo (20c) é interpretável como um caso de ironia, dado que o postulado de significação associado a *incurável* é contraditório com o significado do verbo *curar*. (20d), um exemplo clássico de anomalia semântica, explora a incompatibilidade entre os adjectivos *verdes* e *incolores*, entre os dois adjectivos e o nome *ideias*, entre um verbo que exige um sujeito animado e o sujeito inanimado, abstracto, *ideias verdes incolores*, e, finalmente, entre o verbo estativo *dormir* e o advérbio *furiosamente*, que só pode modificar verbos que descrevam situações dinâmicas.

Muitas piadas, adivinhas e frases célebres, recorrem sistematicamente à polissemia e à homonímia, como acontece com os exemplos (21):

(21a) Qual é coisa qual é ela que tem de reflectir sem pensar?

(21b) Qual é a diferença entre um estudante e um rio?

O estudante sai do leito para seguir um curso, enquanto o rio segue o seu curso sem sair do leito.

(21c) Qual é coisa qual é ela que varre o céu todos os dias?

(21d) O coração tem razões que a razão desconhece.

8. Criatividade até mesmo no erro

A criatividade que caracteriza o uso da língua está em jogo em muitos tipos de erros que ocorrem durante o processo de aquisição da linguagem e, se tomarmos como referência a língua padrão, em produções de falantes de variedades distintas. Estes erros, denominados sobregeneralizações, advêm de uma regularização extrema de processos morfológicos flexionais e derivacionais e são um sintoma de que os falantes que os cometem dominam intuitivamente a regra geral, que expandem a formas a que, por razões históricas ou idiossincráticas, ela não se aplica. Observem-se os seguintes exemplos:

(22a) a mapa, a guarda, ...

(22b) dizi, fazi, ...

(22c) (tu) ouvistes, dissestes, ...

(23a) Avó, tenho uns sapatos abrancados.

(23b) Mãe, vou-me desvestir sozinha.

Em (22a), está em jogo a consciência de regularidades flexionais. De facto, a maioria dos nomes terminados em *-a* são do género feminino, pelo que a atribuição de género feminino a *mapa* e *guarda* é um indício de que a criança categoriza correctamente como nomes estas duas palavras e as integra no caso geral. Do mesmo modo, e como (22b) ilustra, procede à regularização do paradigma de flexão verbal dos verbos irregulares *dizer* e *fazer*, demonstrando, assim, já conhecer e saber usar o «motor» da flexão regular da 2ª conjugação. Em (22c), apresentam-se formas produzidas tanto por crianças como por adultos que não dominam o Português padrão, e que resultam da integração da 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito no paradigma flexional que caracteriza esta pessoa em todos os restantes tempo verbais (com excepção do imperativo): a presença da desinência *-s*.

As frases (23) ilustram produtos de criatividade lexical das crianças, que formam constantemente palavras conformes com as regras derivacionais produtivas na língua. Assim, *abrançado* (por *esbranquiçado*) é formado através da mesma regra que permite a formação de *acastanhado*, *acinzentado*, *avermelhado*; *desvestir* (por *despir*), é formado pela mesma regra que permite a formação de palavras como *descalçar*, *despentear*, *destapar*.

Também as reanálises infantis de muitas palavras, que exemplos como (24) ilustram, fornecem evidências de criatividade:

(24a) Vou fazer a *minha lete*.

(Por reanálise de *toilete* como a combinação de palavras *tua lete*)

(24b) O boneco tem *dois bigos*.

(Por reanálise de *umbigo* como a combinação de palavras *um bigo*)

9. Em conclusão

Ser professor de Português envolve o conhecimento das propriedades das línguas que sustentam o uso criativo dos falantes. Detectar, descrever e compreender os produtos da criatividade linguística supõe uma formação linguística sólida, mobilizável na análise dos enunciados dos alunos, os quais, para ouvidos e olhos treinados, fornecem sempre pistas que nos permitem diagnosticar dificuldades sentidas e áreas problemáticas de desenvolvimento na esfera das competências linguística, comunicativa ou textual.

Só a convivialidade com a língua nos seus usos multifacetados, alicerçada na competência metalinguística, permitirá ao professor de Português cumprir o seu papel fundamental: contribuir para o desenvolvimento linguístico harmonioso dos seus alunos, proporcionando-lhes o prazer de brincar com a linguagem, guiando-os na descoberta que é conhecer a língua e levando-os a explorar os múltiplos aspectos de que se reveste o uso criativo que dela fazemos.

Por isso concluo com dois exemplos elucidativos do prazer que podemos extrair, como leitores, de produtos da criatividade linguística. A deliciosa passagem de *Alice no País das Maravilhas* em que a Tartaruga Falsa conta à Alice quais as matérias que tinha estudado na escola usa crucialmente a similaridade fónica como processo estilístico:

«Para começar havia Bulir [por *ler*], Escravar [por *escrever*] e Conter [por *con-*
tar] [...] e depois os diferentes ramos da Aritmética: Ambição [por *adição*],
Distracção [por *subtração*], Derisão [por *divisão*] e Mortificação [por *multipli-*
cação]».

(Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*. Trad. port.: Lisboa, Ed.
Afrodite, 2ª ed., 1976, p. 212)

O excerto de *A Revolta das Palavras*, que descreve uma assembleia geral de palavras convocada pela Língua Portuguesa com propósitos depuradores, cria um mundo fictivo em que as unidades da língua são tratadas como seres humanos social e politicamente organizados, e em que o humor se constrói nos jogos de sentido elaborados a partir das propriedades linguísticas que tais unidades têm:

«Língua Portuguesa convocou todas as palavras para uma Assembleia Geral. [...] O planeamento do conclave ficou a cargo dos seus Ministros: os Advérbios de Tempo, Modo e Lugar. Lugar determinou que a reunião realizar-se-ia na Mansão Verde-Amarelo, por ser a maior de suas casas e assim poder acomodar todo o mundo. Advérbio de Tempo determinou que a Assembleia seria agora. Como Advérbio de Modo, que muito mente, disse que estava doente, a forma do conclave ficou meio indefinida [...]».

(Adair Pimentel Palácio, «A Revolta das Palavras». Apud AA: *Introdução aos Estudos Linguísticos. Material de Apoio*. Lisboa: FLUL/DLGR. p. 4)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHOMSKY, N. (1966) – *Cartesian Linguistics. A Chapter in the History of Rationalist Thought*. Nova Iorque: Harper & Row.
- CHOMSKY, N. (1986) – *Knowledge of Language. Its Nature, Origin and Use*. Tradução portuguesa: *O Conhecimento da Língua: Sua Natureza, Origem e Uso*. Lisboa: Caminho, 1994.
- CORREIA, M. (1998) – «Breves Notas Soltas sobre Processos de Inovação Lexical: Ilustração com Exemplos do Português». In AA: *Introdução aos Estudos Linguísticos. Material de Apoio*. Lisboa: FLUL/DLGR.
- DAMÁSIO, A. (1994) – *Descartes' Error. Emotion, Reason and the Human Brain*. Tradução portuguesa: *O Erro de Descartes. Emoção, Razão e Cérebro Humano*. Lisboa: Europa-América, 1995.
- DESCARTES, R. (1637) – *Discours de la Méthode*. Tradução portuguesa: *Discurso do Método e Tratado das Paixões da Alma*. Lisboa: Livraria Sá da Costa. 4ª edição, 1961.

- DUARTE, I. (1998) – «Chomsky e Descartes: O Uso Estratégico de um Argumento Cartesiano e a Fundação das Ciências da Cognição». In Ribeiro dos Santos, Alves & Cardoso (orgs.) *Descartes, Leibniz e a Modernidade*. Lisboa: Colibri, pp. 547-561.
- DUARTE, I. (no prelo) – *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta.
- GEITMAN, L. R. & E. L. NEWPORT (1995) – «The Invention of Language by Children: Environmental and Biological Influences on the Acquisition of Language». In Gleitman & Lieberman (orgs.) *Language. An Invitation to Cognitive Science*, vol. 1. Cambridge, Mass: The MIT Press, pp. 1-24.
- PINKER, S. (1994) – *The Language Instinct. How the Mind Creates Language*. 2ª edição. Nova Iorque: Harper Perennial, 1995.
- RIO-TORTO, G. M. (1998) – *Morfologia Derivacional. Teoria e Aplicação ao Português*. Coleção Linguística, 12. Porto: Porto Editora.
- YAGUELLO, M. (1981) – *Alice au Pays du Langage. Pour Comprendre la Linguistique*. Paris: Seuil.

